



VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM NOVO OLHAR

Patrícia Aparecida da SILVA (UNEMAT)¹
Ana Luiza Artiaga Rodrigues da MOTTA (UNEMAT)²

Resumo: O objetivo desta reflexão incide em tomar o discurso sobre a violência, no ambiente escolar. O corpus constitui-se a partir de recortes de textos publicizados pela mídia, em que discutiremos a formação imaginária da sala de aula, a relação professor, aluno e a própria instituição de ensino. Sabe-se que, temos grandes índices de violência em âmbito nacional e em âmbito mundial, acontecendo com grande frequência no ambiente escolar. Para tanto, inscrevemo-nos na linha teórica materialista de Michel Pêcheux, na França, Eni Orlandi no Brasil e seus seguidores, com intuito de compreender o funcionamento da língua diante desse acontecimento de linguagem, na escola na relação dos sujeitos professor x aluno. A teoria do discurso visa, pois a compreender o lugar da interpretação na relação do sujeito com o mundo. Assim a interpretação é um gesto necessário ENTRE a língua e a história na produção dos sentidos, situando estes gestos tanto na dimensão do sujeito como na sociedade com suas instituições. Observaremos também, os diferentes mecanismos interpretativos nas diferentes materialidades. Sendo assim, “o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação como silêncio. A interpretação é o vestígio do possível” (ORLANDI, 1994).

Palavras-Chave: Violência. Escola. Sujeitos. Análise de discurso.

Abstract: The purpose of this reflection focuses on taking the discourse on violence in the school environment. The corpus is made up from cuttings texts publicized by the media, in which we discuss the imaginary training classroom, the teacher, student and teaching institution itself. We know that we have high rates of violence nationwide and worldwide, occurring with great frequency in the school environment. To do so, inscrevemo us on materialist theoretical line of Michel Pecheux, France, Eni Orlandi in Brazil and his followers, seeks to understand the functioning of the language before this event language school in respect of subject teacher x student. Discourse theory therefore aims to understand the place of interpretation in the subject's relation to the world. Thus the interpretation is a necessary BETWEEN language and history in the production of the senses gesture, placing these gestures both in size as the subject in society with its institutions. Also observe the different interpretive mechanisms in different materiality. Thus, "the act of interpretation is because the symbolic space is marked by incompleteness, the relationship as silence. The interpretation is the trace of the possible "(Orlandi, 1994).

Keywords: Violence. School. Subject. Discourse analysis.

1. Introdução

Neste trabalho nos limitaremos a dizer sobre a nossa experiência, vivência na escola da rede pública de ensino, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência Letras/PIBID/CAPES/UNEMAT, em Cáceres-MT. Trata-se de dizer sobre a leitura de um

¹ Mestranda em Linguística. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. patricia_rogeriofilho@hotmail.com

² Doutorado em Linguística. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. analuizart@unemat.br



assunto um tanto polêmico que assola as escolas, as salas de aula. A violência. Esse fato tornou-se, nos últimos anos, entrada para debates, reflexões.

Nesta discussão, constituído nossa análise em discursos presentes no gênero charge que retrata de forma satírica uma questão que remete ao real da sociedade. Conforme o Dicionário Hauaiss, charge significa – substantivo feminino – “desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, ger. veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas; caricatura, cartum”.

A citação evoca distintas leituras sobre o humorístico. Nesse sentido, o foco desta escrita será discutir no gênero das charges a densidade semântica das palavras que enfatiza, neste caso, a sala de aula. Dessa forma, entendemos que a escola não está em separado da sociedade. Ao contrário, cabe a escola o processo de ensino/aprendizagem no/para o social.

2. Escola e leitura

Ancoramos teoricamente nos pressupostos teóricos da linha materialista, do discurso com intuito de compreender como o discurso da charge joga com o possível interlocutor. conforme Orlandi (1999), que a leitura “não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: historicidade” (p.09).

Vejamos como a charge é compreendida sócio, historicamente.

(...) é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com um ou mais personagens envolvidos. A palavra é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social onde o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira. A charge tem um alcance maior do que um editorial, por exemplo, por isso a charge, como desenho crítico, é temida pelos poderosos. Não é à toa que quando se estabelece censura em algum país, a charge é o primeiro alvo dos censores infra. As charges foram criadas no princípio do século XIX (dezenove), por pessoas opostas a governos ou críticos políticos que queriam se expressar de forma jamais apresentada, inusitada. Foram reprimidos por governos (principalmente impérios), porém ganharam grande popularidade com a população, fato que acarretou sua existência até os tempos de hoje (...) (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>)

Percebemos, então, que a charge é uma manifestação, crítica social. Nesse sentido, ler a charge permite discutir a forma-sujeito. Como se sabe é pela forma-sujeito que compreendemos as distintas posições que cada qual ocupa na sociedade. Assim, quando a



charge particulariza a violência como um acontecimento no seio da escola, questionamos, então, sobre a posição-sujeito professor e o aluno. Ou seja, que *gestos de leitura* a comédia, a sátira textualizada pela charge permite dizer sobre um drama social?

No que diz respeito à violência, em conversas informais com professores e alunos sobre fatos divulgados pela mídia, ouvimos distintas narrativas as quais não gravamos, mas que tentamos rememorar alguns trechos de conversas em que se tenta definir que “violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas”. E ainda, “a violência, enquanto descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão”. É importante observarmos a posição-sujeito nesses enunciados. Ainda que as conversas tenham sido efetivadas de forma corriqueira, sem formalidades que requer uma pesquisa densa, ainda assim, o imaginário de violência para o aluno e o professor são fatos de linguagem que se inscrevem em diferentes formações discursivas.

Para o aluno a violência se configura no corpo. O corpo é o espaço marcado pela violência e que tem a ver com brigas, relação entre familiares; diríamos que a violência está em um âmbito doméstico. De outro lado, o professor aponta a violência inscrevendo-a em relação às regularidades jurídicas. A falha, o Estado, o político toma corporeidade na ausência da efetividade do Estado em demandar a lei e esta tomar consistência no social.

De outro lado, observaremos como a charge preenche na materialidade do texto palavras e imagens que textualizam a violência no espaço escolar. É importante refletirmos sobre a diferença entre agressividade, crime e violência. Vejamos como é definido pelo dicionário Aurélio:

Agressividade: Que tente agredir ou denota agressão; crime;
Violação da lei penal;
Violência: 1.Qualidade de violento.2.Ato violento.3.Ato de violentar;
(Mini Aurélio Escolar, Ed. Nova fronteira)

Percebemos que as definições nos dão informações precisas de que o crime, a violência e agressividade são fatores de risco para a sociedade. Compreendemos que o sentido não se constitui fora da história, isto é, a língua, as palavras inscrevem na história para se significar (Pêcheux, 1997). Assim, ver/ler no verbete do dicionário é diferente da textura que uma palavra constitui no discurso.

Como se sabe distintos estudos aponta que a violência exercida por crianças e adolescentes é antes de tudo, o que o meio exerce sobre eles (COLOMBIER ET al.1989).



Essa reflexão nos permite questionar, então, a posição-sujeito e a sua relação na/com a escola frente às frustrações do seu dia-a-dia.

Destacamos para tanto diferentes tipos de violência praticados dentro da escola, apontados por distintos autores. Para Colombier a violência se apresenta como:

Violência contra o patrimônio - é a violência praticada contra a parte física da escola. "É contra a própria construção que se voltam os pré-adolescentes e os adolescentes, obrigados que seja a passar neste local oito ou nove horas por dia." (COLOMBIER ET p.39).

Para Abramovay a violência se manifesta por:

Violência simbólica - É a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir. "A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida"... Porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento. Violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno.

Violência física - "Brigar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, neguinho sangrando, Ter guerra com alguém, andar armado e, também participar das atividades das guangues" (Abramovay; 2002, p.335).

Ainda Abramovay diz que:

"O indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas usa de bebidas alcoólicas, uso da arma de fogo aliada à inexistência do controle da polícia, da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delituoso" Carências afetivo e causas socioeconômicas ou culturais certamente aí se misturam, para desembocar nestas atitudes". (COLOMBIER, 1989, p.35)." A Disponibilidade de armas de fogo e as mudanças que isso impõe às comunidades conflituosas, contribuindo para o aumento do caráter mortal dos conflitos nas escolas" ABRAMOVAY, 2002;

Conforme Alba Zalluar (1992) é dentro das gangues ou das quadrilhas que os jovens provam sua audácia, desafiam o medo da morte e da prisão. É uma subcultura criminosa marcada pela atuação masculina (ZALUAR, 1992, p.27).

Cada autor pontua diferentes condições de produção em que emerge a questão da violência. Assim, são inúmeros os fatores que podem levar uma criança ou um adolescente a um determinado ato delituoso. Depreende-se, então, que a desigualdade social, conforme os

excertos é um dos fatores que podem, por vezes, fazer com que jovens cometam atos violentos e ainda, que a situação de carência absoluta de condições básicas de sobrevivência tende a embrutecer os indivíduos, assim, a pobreza estaria em sobressalto.

Nesta reflexão, não pretendemos discutir o sujeito da psicologia e ou em uma visão cognitivista, ou ainda compreendido no âmbito da sociologia. Queremos, pois pensar o sujeito no discurso enquanto posição sujeito. Nesse sentido, não queremos também nos inscrever em uma formação discursiva. Queremos antes refletir sobre a forma-sujeito em sociedade. Daí, então, nos ancorarmos na teoria da Análise de Discurso que pensa o sujeito enquanto posição no discurso.

Para tanto observemos o *corpus*, a linguagem e seu funcionamento. Vejamos a partir de recortes de textos publicizados pela mídia que demonstra a relação professor x aluno e a própria instituição de ensino. Vejamos como estas se marcam nesse acontecimento de linguagem. Como dissemos, anteriormente, a temática de reflexão sobre violência escolar é algo demarca índices em âmbito nacional e em âmbito mundial. Não nos deteremos a pontuar ou mesmo discutir a abrangência da violência, a charge mostra esse acontecimento e o particulariza em meio à escrita e a imagem, o desenho que, produz efeitos de sentido um tanto chocante para o sujeito-leitor.

Leiamos a charge – A – abaixo



Fonte: www.zenieduca.blogspot.com



A charge A; permite múltiplas leituras, entre o tempo presente e o passado. Retrata a violência que tem sido o “fermento” de diferentes discursos nas manchetes publicizadas pela mídia.

No dizer da professora “Que saudade do tempo que eles só traziam canivetes!” e a imagem reproduzida na/pela charge, percebe-se um jogo, um imbricamento entre o dizer e a textualidade da sala de aula; um espaço em que se rompe a violência. O que se lê na materialidade da charge – A – no abecedário do quadro, na letra “o” rompe com os valores éticos, morais e sociais.

Em outras palavras, a violência torna a lei opaca e o *non sense* se instala frente ao que está instituído, como a normatização do Estado. Ou melhor, o indivíduo extrapola a ordem do discurso jurídico e a ambiência escolar não significa espaço de aprendizagem, para o exercício do direito e do dever. Há uma migração dos acontecimentos do urbano, do cotidiano para o espaço da escola.

Nessa dimensão, a lei fica opaca e a violência rompe com a tradição da organização do indivíduo em sociedade. Nesse sentido, a agressividade torna-se um “furo” que emerge do que é falho na ordem, do real.

No enunciado o pronome pessoal “eles” refere-se a um determinado sujeito, do qual não se diz, mas que no fio do discurso compreende-se que se refere ao aluno. As pistas do texto remetem à posição-sujeito aluno em tempos memoráveis. Isto pode ser compreendido na formulação, no uso do verbo “trazer”, “traziam”. Dessa forma, a formulação remete a um tempo passado, que *reverbera sentidos* no tempo presente, no cotidiano da escola, na relação professor x aluno x professor.

Há uma memória discursiva em funcionamento entre a escrita e a imagem. O texto produz uma simbiose, um encadeamento de sentidos sobre o assunto em foco: a violência. A charge joga com o possível interlocutor. Como se sabe a teoria da Análise de Discurso pensa o discurso em relação “a”. Nesse sentido, pensamos o efeito de sentido que a charge produz no social. A nosso ver, o texto nos causa no primeiro olhar, que a violência na escola, nos dias atuais é grave! Souza (1999) pontua que:

Na sociedade brasileira, o poder público não tem sido tradicionalmente eficaz no controle e no monopólio legítimo da força física; os setores privados da sociedade brasileira, cada vez mais, têm buscado resolver suas demandas através do uso da força física, seja através da privatização da segurança, seja através da privatização do próprio espaço. Ou seja, o setor público desorganizado e ineficaz, tem sido relegado ao controle não da



institucionalidade, mas dos interesses dos grupos articulados social e politicamente (p.37,38).

Não estamos com isso minimizando as ações dos tempos remotos, em relação às ações do Estado na sociedade, mas tomando as pistas no dizer da professora: "*Que saudade do tempo que eles só traziam canivetes!*", com o - a, e, i, o, u .

Há de certa forma uma inversão de valores, de posição-sujeito, de relação com a ambiência escolar. Assim, o fato das vogais, as primeiras letras, constitutivas, do processo de ensino aprendizagem ter sido gravemente atingidas pela arma, demonstra a fragilidade da escola, desde o ensino básico. Ou seja, coloca a criança em uma particularidade que inspira a posição do Estado, das regularidades jurídicas em rever as brechas na Constituição Federal em vigor. Torna-se necessário o Estado discutir uma política real, às condições de vida do cidadão brasileiro.

O desenho geométrico da bala, o buraco negro no quadro da escola torna-se espaço de interpretação. Cabe uma parada, um questionamento nas ações da sociedade que vem construindo uma desordem no cotidiano e que se materializa em danos irreversíveis. Dessa forma, não cabe naturalizar a criminalidade, a barbáries, em que os professores perdem a autonomia. De outro lado, observa-se que o aluno ocupa outra posição-sujeito que não é o de aprender, o de estar inscrito no discurso do Estado, mas na desordem exatamente, da irregularidade que produzirá a escavação significativa do/no sujeito e o social.

Dessa forma, percebemos na charge o sentido entrecruzado pelo silenciamento que reporta a outros acontecimentos. Diante dessa perspectiva, o silêncio que tratamos aqui, é retirado de uma posição secundária, como o "resto" da linguagem, como o caráter de incompletude da linguagem, colocando-o num fator essencial, como condição do "significar" - pela linguagem (ORLANDI, 1993). Entendemos conforme as reflexões de Orlandi que: "Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de se estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio". "Há silêncio nas palavras". (ORLANDI, 1993: 11). Com a referida autora (Orlandi, 1993), encontramos a seguinte definição:

O silêncio é assim a "respiração" (o fôlego) da significação; um lugar, de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido. Faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço. Para o que não é "um", para o que permite o movimento do sujeito. (p. 13).

Podemos dessa forma, afirmar que as palavras são povoadas de sentidos e essas, por sua vez, nem sempre é dito e, colocamos no silêncio muitas delas. É o silêncio que atravessa as palavras, que passa por elas ou que indica que o sentido pode ser outro, ou e que aquilo que



é importante nunca se diz. Temos aí, o silêncio como *fundador* como não dito, visto no interior da linguagem. É o silêncio significativo, ele tem significância própria: “na perspectiva que assumimos o silêncio na fala”. O silêncio *é*. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido *é*. (Orlandi, 1993: 33). Ainda nessa direção, encontramos o silêncio, passando não pelas palavras, mas pelo gesto significativo da coersão. Conforme Pêcheux (1975) “o gesto intervém no real do sentido”. Sobre isso observe as imagens B e C:



Fontes: seducabem.blogspot.com

Na imagem B podemos observar que a violência é voltada para os próprios colegas de sala de aula, o bullying, que é caracterizado por violência recorrente, desequilíbrio de poder e intenção de humilhar. Estudos, conforme dados do Estado apontam que a prática, frequente nas escolas, pode levar as vítimas à depressão e ao suicídio (Fonte: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 11/12/2012). Os comportamentos antissociais, agressivos, provem de um desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. A intimidação torna-se o foco entre gestos e palavras que produz, conseqüentemente, efeitos de sentido. A forma de dizer desestabiliza o outro, nas relações de poder. Além disso, a vítima não consegue se defender com facilidade por uma ou mais razões. Os maus-tratos repetidos podem ao longo do tempo causar graves danos ao psiquismo e interferir negativamente no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, sensorial e socioeducacional como afirma, Mirian Rodrigues de Souza em seu artigo “Violência nas escolas: causas e conseqüências”.



Na imagem C podemos percebermos que o índice de alunos armados nas escolas tem aumentado muito no Brasil e no mundo, conforme, Maria Teresita do Amaral, isso se dá em reação à própria violência. Quando os ataques são crônicos, as vítimas podem se tornar agressoras; em casos extremos, muitas vezes resultam em tragédias escolares, como as de Columbine (1999) e Virginia tech (2007), nos Estados Unidos, as de Taiúva (2003) e Remanso (2004), Finlândia (2007) e no Brasil recentemente no Rio de Janeiro na escola da zona de Realengo um grande massacre que ocasionou mais de 20 vítimas fatais e a morte em seguida do próprio agressor. (Fonte: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 11/12/2012).

Observe a imagem D:



Fonte: seducabelem.blogspot.com

Na imagem D percebemos no discurso/imagem entre a professora e o aluno uma forma de tensão, repressão e um poder e autoritarismo posto, determinado na relação a posição do sujeito (aluno) sob o outro (professor). Há uma coerção incisiva que remete ao dizer do sujeito aluno “Aê, fessora! Tu me deu zero? Tem-se na formulação uma pergunta que se movimenta entre o pronome pessoal “tu” para professora e o pronome oblíquo “me” em relação ao aluno. Uma linguagem que remete a gíria de um determinado grupo que se marca na expressão “aê, fessora!”, seguida do ponto de exclamação.

A posição de professora cede espaço à eloquência do discurso do outro. Ou seja, o fato do aluno ter levado um zero culmina na desestabilização da posição da professora como aquela que tem como profissão o fato de interpretar, analisar e demarcar numericamente a



representatividade de uma avaliação. O gesto do aluno no saque da arma produz o jogo que é próprio da charge. Isto é, o humor está no processo da professora rapidamente corrigir que houve um engano, esquecimento, equívoco, em relação a escrita do algarismo na frente do zero. Aqui, é oportuno dizer como a língua é sujeito à falha e ao equívoco permitem na articulação da professora, outros deslizes de sentidos. O medo, o pânico atravessa o quadro da charge.

Essa considerável "aclamação por violência" pode revelar relações com padrões de comportamento "produzidos socialmente". A fala expressa pelo aluno pode ser traduzida como "discursos produzidos" ou "discursos institucionalizados", talvez pelo fato de que, atualmente, entre grande parte dos adolescentes, quem está inserido num contexto de violência, está inserido socialmente, ou seja, a violência hoje em dia, é um tema que está "na moda" e entre os adolescentes, produzi-la ou reproduzi-la, talvez seja uma postura de inserção, mesmo que fuja da sua gama de preferências, gostos e costumes (MORAIS, 1995).

A gestão escolar visa à construção de uma sociedade mais igualitária. Para isso deve desenvolver projetos de combater a violência, essa deve ser uma das principais tarefas da escola na atualidade. Segundo o ideal de vários educadores, como Paulo Freire, Maria Fernandes, Régis de Moraes entre outros que citamos em nosso trabalho, a escola tem a função de preparar o indivíduo para a sociedade, não de forma ajustadora, mas transformadora. O sonho da escola é a construção da sociedade ideal. Se nós não lutarmos pelos nossos sonhos acabaremos esquecendo deles. Nós que fazemos a educação temos que acreditar. É nossa utopia, sem ela não caminhamos.

Martins (1999) afirma que é próprio da condição humana sonhar com um mundo melhor e lutar por isso, e que a humanidade jamais desistiu do seu sonho de paz e fraternidade.

A escola deve transformar o futuro das crianças, abrir portas, iluminar caminhos, ensinar noções de espaço e convivência humana. Podendo se apresentar para as crianças como um local também para a brincadeira, exercício físico, atividades de integração com grupo, atividades que são reprimidas em seu cotidiano doméstico. É um local que antes de tudo deve estar preparada e estruturada, pois para as crianças a escola é uma extensão da casa e da rua.

Silva afirma que:

Reconquistar os valores éticos, morais e espirituais da sociedade se constitui em objetivo geral do Projeto Mundial de Combate à Violência, que deverá ser levado adiante através da família, das escolas, das religiões, dos



sindicatos, dos mais diversificados segmentos sociais, no mundo todo (SILVA, 2003, p. 2).

Nossa reflexão sobre a temática da violência visa contribuir com a escola, no sentido de ler, pensar sobre a materialidade da charge, algo que é preocupante para a sociedade. Como acadêmicos, professores estamos sujeitos as determinações do outro, porém a escola ainda é o espaço institucional que tem como meta o trabalho de formação do outro.

3. Considerações Finais

Trabalhar com textos de charges possibilitou-nos pensar como a sagacidade do humor produz a sátira sobre o real. Ou melhor, a charge toma um fragmento que é constitutivo do urbano, do social e o remete ao leitor que por vezes destitui da charge a sua espessura semântica. Assim, cabe uma leitura que interrogue a evidência das palavras, já que como sabemos o sentido não está na literalidade, não é uno a um conteúdo. Ao contrário, o fato de questionarmos o entrecruzamento de uma discursividade permite entendermos que o texto, no caso da charge, joga entre o escrito e o não-verbal.

Assim, é preciso que o interpretemos entendendo o entrelaçamento, o processo sócio-histórico de constituição do sentido.

Em suma, pensar sobre a violência, na escola, é uma problemática que requer política de Estado que entrelace o sujeito e o social. A escola é um espaço de mediação de individualização do sujeito. Assim, cabe a escola e demais segmentos da sociedade delimitar fronteiras sobre o que é da responsabilidade da escola, família e do Estado. Por fim, a escola não tem missão tem políticas de ensino que deve ser exercida conforme as regularidades das instituições do país.

Porem, a violência é uma temática que se deve trabalhar de forma cuidadosa, pois fere princípios, quase que primordiais as realidade de cada aluna, pois estão expondo suas vidas intimamente. Neste processo, os alunos falavam abertamente suas angústias, sobre a temática e ainda produziam textos, no qual o pedido de ajudar ou a forma como relatavam as cenas de violências vivenciadas dia a dia eram alarmantes.

Nesta direção à escola juntamente com o projeto Pibid, desenvolveram palestras abertas a toda a comunidade escolar, para que os pais pudessem refletir, a importância da educação na vida de seus filhos, e lhes proporcionar uma ambiência melhor e que ainda, não lhes fossem tomado o direito de estudar, que muitas vezes eram convertidos, em



responsabilidades de trabalho, fomentando ainda mais a criminalidade do lugar, como: venda de drogas, prostituições, etc.

Nesta perspectiva, o papel da escola, é sempre de mediadora do conhecimento, este tripé: escola, família e sociedade, tem que se auto ajudar, para o bem comum, a formação do aluno, este campo muitas vezes de batalha, deve-se transformar em palco de inovação, pois é um lugar de transformação, afinal, constroem as mentes pensantes do futuro do país.

A escola deve ser a unidade fundamental, nesta busca pela educação transformadora, sair do casulo e aceitar as inovações advindas da unidade familiar e social.

4. Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças - **Violência nas escolas**. Ed. UNESCO, doações institucionais.

CALHAU, Lélío Braga. **BULLYING: Implicações Criminológicas**. João Pessoa (PB) 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: editora Paz e terra, 1987.

MARIA, Teresita E. S. Amaral Psicóloga Clínica – Valinhos, 2008 - **Instituto São Paulo de Cidadania e Política** .

MIRIAN, Rodrigues de Souza em seu artigo” **Violência nas escolas: causas e consequências**”. [www.soudapaz.org/Acessado em 14/04/2012](http://www.soudapaz.org/Acessado%20em%2014/04/2012).

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**.4 ed. SP: Cortez, 1999.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007;

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni P. Orlandi (et.al.) 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1975.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS / Presidência da República - Ministério da Justiça - Ministério da Educação **Plano Nacional De Educação Em Direitos Humanos** - UNESCO/Brasil.

ZALUAR, Alba (org). **Violência e educação**. São Paulo, Cortez editora, 1992.